



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

ESTUDOS PONTUAIS SOBRE O CONCEITO DE MÉTODO E TEORIA NO
PARADIGMA DA COMPLEXIDADE DE EDGAR MORIN

Luciana R. Arrial¹

Humberto Calloni²

RESUMO

Este artigo é o resultado parcial da investigação acerca do entendimento da noção de método atribuída ao filósofo francês Edgar Morin, principalmente em sua obra *O Método 1: A natureza da Natureza*. Com esse estudo inacabado pretendemos suscitar questões e acolher para o debate contribuições para o fiel entendimento do conceito de método proposto pelo filósofo em inúmeras obras, conferências, artigos e, naturalmente, no conjunto de *O Método*. Trata-se de perceber a noção de método como um conceito presidido pelo paradigma da complexidade, isto é, como um conceito que se traduz pelas experiências entre o vivido e o refletido, entre o sujeito investigador e o objeto investigado numa proposta de interações recíprocas autoconstituintes entre a descoberta (teoria) e o caminho da descoberta (método) do conhecimento ou, se quisermos, do novo, do inédito, do inusitado. Assim, caminho, caminhar e caminhante constituem-se em uma unidade compreensiva lógica e dialogicamente como metáforas evocativas do sentido que o método é compreendido pela complexidade e para o qual concorre, igualmente, a compreensão do conceito de teoria.

Palavras-chaves: método, teoria, complexidade, Edgar Morin.

*PUNCTUAL STUDIES OF THE CONCEPT OF METHOD AND THEORY IN EDGAR
MORIN'S PARADIGM OF COMPLEXITY*

ABSTRACT

This paper is the partial result of an investigation into the French philosopher Edgar Morin's notion of method, mainly the one found in his book *Method 1: the Nature of Nature*. This unfinished study aims at posing questions and reviewing contributions given to the precise understanding of the philosopher's concept of method, which can be found in several books, conferences, papers, and mainly in the volumes of *Method*. The notion of method is perceived as a concept guided by the paradigm of complexity, i. e., as a concept which represents experiences between what is experienced and what is reflected on, between the investigator and the object under investigation in reciprocal interaction. This relation comprises the discovery (theory) and the way of the discovery

¹ Mestre em Educação Ambiental – PPGEA/FURG, Arquiteta e Urbanista – UFPel. Endereço eletrônico: luarrial@ig.com.br End. Av. São Francisco de Paula, 3483, Areal, Pelotas/RS.

² Professor Adjunto IV de Filosofia - FURG, Rio Grande-RS. Doutor em Educação pela UFRGS. hcalloni@mikrus.com.br



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**ESTUDOS PONTUAIS SOBRE O CONCEITO DE MÉTODO E TEORIA NO
PARADIGMA DA COMPLEXIDADE DE EDGAR MORIN**

(method) of knowledge, or rather, the new, the original, the unexpected. Therefore, the way, the act of walking, and the walker become a comprehensive unit, logically and dialogically, as metaphors in which the method is understood through complexity and which takes into account the concept of theory as well.

Key words: method, theory, complexity, Edgar Morin.

*ESTUDIOS PUNTUALES SOBRE EL CONCEPTO DE MÉTODO Y TEORÍA EM EL
PARADIGMA DE LA COMPEJIDAD DE EDGAR MORIN.*

RESUMEN

Este artículo es el resultado parcial de la investigación sobre el entendimiento de la noción de método que se le atribuye al filósofo francés Edgar Morin, principalmente en su obra *El Método: la naturaleza de la Naturaleza*. Con ese estudio inconcluso intentamos suscitar cuestiones y traer para debate contribuciones para el fiel entendimiento del concepto de método propuesto por dicho filósofo en inúmeras obras, conferencias, artículos y, naturalmente, en el conjunto de *El Método*. Se trata de advertir la noción de método como un concepto presidido por el paradigma de la complejidad, o sea, como un concepto que se traduce como las experiencias entre lo vivido y lo reflexionado, entre el sujeto investigador y el objeto investigado, en una propuesta de interacciones recíprocas autoconstituyentes entre el descubrimiento (teoría) y el camino del descubrimiento (método) del conocimiento o, si quisiéramos, de lo nuevo, de lo inédito, de lo inusitado. Así, camino, caminar y caminante se constituyen en una unidad comprensible lógica y dialógicamente como metáforas evocativas del sentido con que el método es comprendido por la complejidad y para el cual concurre, igualmente, la comprensión del concepto de teoría.

Palabras-claves: método, teoría, complejidad, Edgar Morin

1. REFLEXÕES SOBRE A NOÇÃO DE MÉTODO NA COMPLEXIDADE

Quando Edgar Morin (1921) fala em método ele não quer significar, por esta palavra, a idéia de um método prescritivo, que é muito conhecido de todos nós, ou seja, aquele método previamente tracejado pelo pesquisador ou estudioso, o qual deve ser seguido como uma espécie de trilha aberta por antecipação a fim de que um determinado objetivo seja alcançado como parte da solução de um determinado problema, enfim, o método como programa.

É importante mencionarmos aqui a obra *“Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem no erro e na incerteza humana”*, no qual Edgar Morin, Emilio Roger Ciurana e Raúl Domingo Motta nos ensinam que *“O método é uma estratégia do*



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

ESTUDOS PONTUAIS SOBRE O CONCEITO DE MÉTODO E TEORIA NO
PARADIGMA DA COMPLEXIDADE DE EDGAR MORIN

sujeito que também se apóia em segmentos programados que são revistos em função da dialógica entre essas estratégias e o próprio caminhar. O método é simultaneamente programa e estratégia(...)” (MORIN *et al*, 2003:28).

Contudo,

A oposição programa/estratégia salta aos olhos. O programa constitui uma organização predeterminada da ação. A estratégia encontra recursos, faz contornos, realiza investimentos e desvios. O programa efetua repetição do mesmo no mesmo, ou seja, necessita de condições estáveis para sua execução. A estratégia é aberta, evolutiva, enfrenta o imprevisível, o novo. O programa não inova, mas a estratégia sim (Ibidem: 29).

O conceito de método para Edgar Morin é construído no mesmo movimento que mobiliza o pensamento complexo em sua base geratriz, ou seja, a partir do paradigma da complexidade. Como paradigma, a complexidade deve, está claro, permear todas as instâncias da práxis humana, todas as compreensões relativas ao conhecimento e a geração de saberes, todos os níveis de realidades existentes. Sendo assim, parece que tudo o que sabemos por *método* nas ciências positivas e sociais ou humanas cai por terra e deixa-se contaminar por uma verdadeira mudança de registro epistemológico, queremos dizer, do sujeito que pensa o pensado.

A ruptura que a complexidade consagra ao método tradicional é de tal ordem que o filósofo francês afirma, peremptoriamente, que “só podemos partir com a ignorância, a incerteza e a confusão” (MORIN, 1997:19), fazendo uma clara contraposição ao método positivista comteano segundo o qual seria necessário inicialmente *saber para prever e prever para prover*. É que, para o autor de *O Método I, a natureza da Natureza*, se quisermos de fato reabilitar o conhecimento científico, “*temos que partir da extinção das falsas clarezas. Não do claro e do distinto, mas do obscuro e do incerto; não do conhecimento seguro, mas da crítica da segurança*” (Ibidem:19), aqui, certamente, visando as suas observações ao método cartesiano, pois “*O método não parte de crenças seguras de si mesmas, aprendidas e encarnadas, como demônios que se alimentam de nossa sede de certezas e da ambição de conhecimentos seguros e inalteráveis (...)*.” (MORIN *et al*, 2003:29).

Assim que teoria e método, para o paradigma da complexidade, constituem-se em uma recursividade constante.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

ESTUDOS PONTUAIS SOBRE O CONCEITO DE MÉTODO E TEORIA NO
PARADIGMA DA COMPLEXIDADE DE EDGAR MORIN

Lembremo-nos de que para os antigos gregos, a tarefa da filosofia, notadamente para os estóicos, era ver o essencial do mundo que nos cerca. Neste caso, Teoria (*to theion*) ou (*ta theia orao*), significa: Eu vejo (*orao*) o divino (*theion*), ou seja, “Eu vejo as coisas divinas (*theia*). Nesse caso, ainda para os estóicos, *The-oria* significa contemplar o divino no real que nos cerca. Mas qual é o lugar ocupado pela teoria (visão) e como ela se relaciona com o método, na *perspectiva* da complexidade?

É ainda Morin, Ciurana e Motta quem nos adverte para o fato de que

Uma teoria não é o conhecimento, ela permite o conhecimento. Uma teoria não é a chegada, é a possibilidade de uma partida. Uma teoria não é uma solução, é a possibilidade de tratar um problema. Uma teoria só cumpre seu papel cognitivo, só adquire vida, com o pleno emprego da atividade mental do sujeito. E é essa intervenção do sujeito o que confere ao temo método seu papel indispensável (MORIN *et al*, 2003:24).

E mais:

Na perspectiva complexa, a teoria, como um engrama, é composta de traços permanentes, e o método, para ser posto em funcionamento, precisa de estratégia, iniciativa, invenção, arte. Estabelece-se uma relação recursiva entre método e teoria. O método, gerado pela teoria, regenera a própria teoria” (Ibidem:24).

É por isso que o pensamento complexo não propõe um programa – dirão os autores acima - mas um caminho (método) no qual ponha à prova certas estratégias que se revelarão frutíferas ou não no próprio caminhar dialógico. Distinguindo, mas não separando teoria e método, o pensamento complexo é um estilo de pensamento e de aproximação da realidade.

2. BREVE OLHAR ENTRE O PENSAMENTO SIMPLIFICADOR E O COMPLEXO

Ainda que nos pareça momentaneamente nebulosa a assertiva de que devemos partir da crítica à segurança e ao conhecimento seguro, ao fim e ao cabo compreenderemos que esta posição epistemológica endereçada ao método dá-se, justamente, por situar o debate do conhecimento não mais entre as alternativas históricas consagradas entre espírito/matéria, sujeito/objeto, corpo/alma,



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**ESTUDOS PONTUAIS SOBRE O CONCEITO DE MÉTODO E TEORIA NO
PARADIGMA DA COMPLEXIDADE DE EDGAR MORIN**

mas, antes, em torno de uma inédita figura do conhecimento a qual Edgar Morin insiste ser ela a esteira do verdadeiro debate, da verdadeira alternativa, que é o debate entre a complexidade e a simplificação. O debate entre a complexidade e a simplificação será, doravante, portanto, a derradeira “mudança de base”, pois “...já não há entidade inicial para o conhecimento: o real, a matéria, o espírito, o objeto, a ordem, etc. Há um jogo circular que gera essas entidades, as quais aparecem como outros tantos momentos de uma produção” (MORIN, 1997:348). Entrementes, “O pensamento complexo não rejeita o pensamento simplificador, mas reconfigura suas conseqüências através de uma crítica a uma modalidade de pensar que mutila, reduz, unidimensionaliza a realidade” (MORIN *et al*, 2003:58).

A tradição filosófica consagrou à matéria e/ou ao espírito o problema fundamental da filosofia. A pergunta crucial e aparentemente simples da filosofia tem sido esta: “o que surgiu primeiro, o espírito ou a matéria?” Os idealistas responderam pelo *espírito* e os materialistas pela *matéria*. Segundo uma ou outra *perspectiva*, parecia que o problema estava resolvido em sua base. Fundaram-se escolas derivadas dessas duas grandes vertentes e depois escolas dessas escolas até o cruzamento inesperado entre uma e outra que resultou numa espécie de ecletismo filosófico.

Seja a matéria, no sentido filosófico do termo utilizado pelo materialismo dialético-histórico, seja o espírito em suas derivações, cristalizou-se dois ramos do pensamento científico e filosófico desde a antigüidade clássica até os dias atuais. Dos pensadores físicos da Grécia antiga herdamos o pensamento sobre a origem de tudo o que existe em termos de “elementos” fundamentais da matéria, responsáveis pela vida. O pensador materialista Demócrito (460-370 a.C.) dizia que os átomos constituem a explicação última do mundo. Esse filósofo de Abdera desenvolveu o atomismo ou a teoria do átomo criada por Leucipo e destinada a conciliar o ser imóvel dos eleatas com a pluralidade mobilista de Heráclito (Japiassu, 1990:67), insistindo, na sua concepção mecanicista da matéria, de que “nada nasce do nada, nada retorna ao nada” e que tudo o que existe nasce do acaso e da necessidade.

A escola atomística de Demócrito pensou na idéia de um átomo, considerado um elemento primordial indivisível até então. Hoje, sabemos que o átomo é divisível, mas a intuição de Demócrito estava no caminho certo.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

ESTUDOS PONTUAIS SOBRE O CONCEITO DE MÉTODO E TEORIA NO
PARADIGMA DA COMPLEXIDADE DE EDGAR MORIN

Os pensadores gregos foram fecundos. Pensaram a *physis*, cuja tradução aos dias atuais reclama um certo cuidado. Pensaram também a *arché*, ou seja, o princípio, não do qual tudo emanaria, mas do que inicialmente se apresentava como derradeiro ser. Por *physis* podemos entender, hoje, o reino do *natural*, a origem mesma do termo adaptado ao estudo da *física*. *Physis* vem de *phyein* (emergir, nascer, crescer, fazer nascer, fazer crescer, degenerar, morrer, etc.) e designa tudo o que brota, cresce, surge, vem a ser. Assim, os gregos não apreendiam a *physis* como nós a compreendemos hoje, isto é, “num contraste com o biológico ou mesmo com o psíquico” (IGLESIAS, 1991:18), mas como uma unidade, como mundo natural. É que os gregos do século VI a.C. possuíam uma percepção orgânica da vida (cosmos), seja ela social ou natural. Enfim, a Filosofia nasceu como pensamento da *physis*. Ou seja, a cosmogonia grega indicava à *physis* a noção de um todo organizado, o cosmos, incluindo, portanto, todas as expressões de vida, inclusive a humana. Ora, tal aparecer, surgir, deixar-se ver, desvelar-se, nascer e morrer eram o movimento do real. Nessa concepção de *physis*, não há lugar para um conceito soberano, a idéia de um primado, “mas um processo conceitual produtor em anel”, onde a noção de anel, ou melhor “anel ativo” revela-se como uma práxis cognitiva, isto é, um jogo retroativo/recorrente que se torna gerador de saber; é a mediação necessária, o convite a um pensamento generativo (MORIN, 1997:345-6).

A noção de anel, explicitemos melhor, quer nos mostrar que a origem do universo, do cosmos, da vida e de todas as ilações que podemos traduzir por *realidade* vincula-se a uma força automotriz que envolve e abarca as “interações, as desordens, as turbulências, as agitações, etc., que os encontros aleatórios provocam” (Ibidem:58) para a realização do real. Já a noção de *anel tetralógico* ilustra que não podemos conceber a ordem sem a desordem e a organização. Por isso é que ordem, desordem, interação e organização realizam o conceito de anel em movimento conjunto e simultâneo em que os elementos constituintes (ordem, desordem, interação e organização) são, ao mesmo tempo, distintos, concorrentes, antagônicos e complementares que define a noção de *dialógica* inaugurada por Morin.

Daí que na base da *physis* não existe um conceito primeiro, soberano, privilegiado. Seja matéria ou espírito, a realidade última não pode ser aprisionada por concepção apriorísticas, isto é, sem o concurso da experiência vivida, mas apreendidas pelas emergências que o *movimento anelar*



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**ESTUDOS PONTUAIS SOBRE O CONCEITO DE MÉTODO E TEORIA NO
PARADIGMA DA COMPLEXIDADE DE EDGAR MORIN**

promove. (Lembremo-nos de que as *emergências*, do ponto de vista sistêmico-organizacional, são qualidades ou propriedades novas da organização de um todo em relação às partes constituídas isoladamente). É neste sentido que Edgar Morin enfatiza o fato de que “a primeira base positiva do método reside na primeira afirmação universal da complexidade: O problema consiste agora em transformar a descoberta da complexidade em método da complexidade” (Ibidem:351).

Como verificamos anteriormente, o método, na complexidade (e, a rigor, necessariamente, todos os demais métodos científicos tradicionais) não se constitui sem um enfoque teórico do real. Método e teoria compõem uma base articulada em que o saber se constitui enquanto momento explicativo e interpretativo do real. Ou seja, não há método sem teoria e vice-versa. Nesse caso, “a teoria não é nada sem o método, a teoria quase se confunde com o método, ou melhor, teoria e método são os dois componentes indispensáveis do conhecimento complexo” (MORIN *et al*, 2003:24). Lembremo-nos também de que o método de investigação das/nas ciências tem se pautado pela simplificação/redução seja do sujeito ao objeto, seja do objeto ao sujeito. Isenção epistemológica do sujeito investigador, quero dizer, neutralidade teórica suposta entre a realidade estudada e o sujeito do estudo. Ora, dirá Morin, “... os objetos já não são unicamente objetos, as coisas já não são coisas; todo o objeto de observação ou de estudo deve doravante ser concebidos em função de uma organização, do seu meio e do seu observador” (MORIN, 1997:345). É por isso que o filósofo nos adverte de que:

- a) A idéia de que todo conceito, toda teoria, todo conhecimento, toda a ciência deve agora comportar dupla ou múltipla entrada (física, biológica, antropossociológica), duplo foco (objeto/sujeito e constituir anel);
- b) A idéia de que o anelamento não é uma amarra mas uma transformação. A constituição de um campo novo do saber não se constitui abrindo as fronteiras, como julgam os ingênuos; constitui-se transformando aquilo que gera as fronteiras, isto é, os princípios de organização do saber. É nessa exploração, no reconhecimento, na reconstrução nesse nível principal ou paradigmático que se situa verdadeiramente o meu esforço (Ibidem:352).



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**ESTUDOS PONTUAIS SOBRE O CONCEITO DE MÉTODO E TEORIA NO
PARADIGMA DA COMPLEXIDADE DE EDGAR MORIN**

Para o paradigma da complexidade, o método é um princípio produtor de conhecimento. Devemos entender o que isso significa, ou seja, a profunda diferenciação entre o método tradicional e o enfoque emprestado à complexidade. Como princípio produtor de conhecimento, o método deve conceber o que Morin denomina de as “marcas da desordem e do sujeito”, caso contrário é simplificador, redutor, mutilador. Não há dúvida de que esses dardos do saber Morin os destina igualmente à cibernética, ao sistemismo e ao informacionismo. Ou seja, “*o que não traz a marca da desordem elimina a existência, o ser, a criação, a vida, a liberdade*” (Ibidem:351), para o horror do positivismo. Quer dizer, a eliminação do ser, da existência, do *si*, da criação é demência racionalizadora, assevera o filósofo, onde a ordem sozinha não passa de *buldozerização* (de buldôzer: instrumento de terraplenagem, equipado com lâmina para puxar ou eliminar todo outro material do chão: Morin utiliza-se desta metáfora para significar a idéia de coação, subjugação, força coativa, que elimina toda oposição, resistência, etc.), que a organização sem desordem é subjugação absoluta (Ibidem:351).

O pensamento simplificador teme a desordem e anula o sujeito no ato de conhecer. É por isso que o método tradicional traz a marca da falibilidade, quando não da arrogância do pesquisador que presume a neutralidade do seu envolvimento subjetivo como se fosse uma virtude da alma, do rigor científico, da verdade indubitável...

Para a complexidade não há nada mais mutilador do conhecimento do que a anulação do *si*, do sujeito no ato de conhecer, bem como a não articulação como o contexto da experiência, das solidariedades dos saberes.

A frase recorrente de Morin, quando nos fala de sua concepção de método, é aquela extraída da poesia de Antônio Machado que diz: “*Caminante no hay camino, se hace camino el andar*”. Eis que método (=caminho que se caminha) significa, para a complexidade, “aprender a reaprender”, isto é, não apenas desaprender, mas sim “reorganizar o nosso sistema mental para reaprender a aprender (...), sendo que o que aprende a aprender é o método”. Ibidem:24). Enfim, o método é aprendizagem...



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

ESTUDOS PONTUAIS SOBRE O CONCEITO DE MÉTODO E TEORIA NO
PARADIGMA DA COMPLEXIDADE DE EDGAR MORIN

“Caminante son tus huellas el camino, y nada más; caminante, no hay camino, se hace camino al andar (...). Caminante, no hay camino, sino estelas en la mar.”³

3. EDGAR MORIN: O PENSADOR VIANDANTE

Edgar Morin escreveu seis obras denominadas de Método: O Método 1. A natureza da Natureza; O Método 2. A vida da Vida; O Método 3. O conhecimento do Conhecimento; O Método 4. As idéias; O Método 5. A humanidade da Humanidade e o Método 6. Ética.

Embora o “pensador viandante” e professor *Honoris Causa* (título conferido ao filósofo por ocasião da 10ª Jornada Nacional de Literatura, na UPF, em agosto de 2003)⁴ não teve por objetivo realizar um “discurso sobre o método”, o certo é que cada obra, individualmente, contém uma certa autonomia e relativa independência no seu conjunto, ou seja, é possível compreender o que Morin nos ensina sobre o método de abordagem do real no conjunto de suas obras ou no estudo particular de cada um dos seus *Método*, posto que cada obra tem a qualidade daquilo que ele mesmo denomina de *holograma* (=cada parte contém praticamente a totalidade do objeto em qualquer organização complexa, onde não só a parte está no todo, mas o todo está na parte). Isto é, sem ser repetitivo, ele nos reconduz ao pensamento refletido em cada obra distinta.

O conjunto de suas inestimáveis palavras inscritas nos seis *Método* publicados constitui a organização de um *método* que podemos e devemos estudar com a mesma acuidade que merecem os pensadores e estudiosos de todos os tempos e, *a fortiori*, no atual estágio de crise ética e ecológica de características globais.

É certo que ainda existe uma cuidadosa resistência da Academia a esse pensador antiacadêmico por excelência; é certo que a filosofia tradicional ainda reinstala seus pendores

³ “Caminante não há caminho / faz-se caminho ao andar / caminhante são tuas pegadas / o caminho nada mais; / caminhante não há caminho / apenas rastros no mar” Poesias completas de Antonio Machado In: Gutiérrez F. Ecopedagogia e Cidadania planetária, 2000:61-2.

⁴ A UPF editou um brilhante livro sobre a presença do Filósofo durante a Jornada de Literatura, que tem por título “*Edgar Morin: religando fronteiras*”, datado de 2004.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**ESTUDOS PONTUAIS SOBRE O CONCEITO DE MÉTODO E TEORIA NO
PARADIGMA DA COMPLEXIDADE DE EDGAR MORIN**

simplificadores, vigorando como a grande narrativa dos feitos da ciência e do espírito humanos; é certo que a lógica ensinada nas Academias ainda permanece tributária das grandes escolas do pensamento clássico. Mas é certo, também, que, a par do pensamento clássico, cuja erudição ainda nos cativa pela sua enorme fecundidade histórica e volúpia intelectual, o pensamento complexo, enquanto paradigma traz, dentro em si, a humildade necessária para suscitar, notadamente aos espíritos abertos aos tempos contemporâneos, novas ressignificações do real, do mundo e da vida; das concepções e noções sobre o ser e o existente; do amor e da morte, da educação e da civilização humana.

Contudo, que fique bem claro: a noção de complexidade não é, em absoluto, excludente das demais compreensões do real. Pelo contrário, a complexidade pretende justamente a unidade na diversidade, a solidariedade dos saberes sob a marca da transdisciplinaridade. O que está em jogo, é a fragilidade de um pensamento simplificador que parte exatamente da unidade (ou especialidade não comunicante) como definidor do real e não da comunhão operada pela *unitas multiplex* (= unidade na diversidade) como pretende a noção de complexidade originalmente formulada por Morin, que é, em suma, traduzida de *complexus*, que significa, finalmente, “o que está tecido junto”.

4. SOBRE EDGAR MORIN E PAULO FREIRE

Todo o pensador fecundo traz a marca da humildade socrática. Não há como escapar a essa verificação se quisermos reconhecer um verdadeiro e profundo filósofo. Não há nada mais anti-filosófico do que um “intelectual arrogante”, para lembrar Paulo Freire, quando nos fala de sua única e verdadeira “raiva” que poderia habitar em seu ser como humano e educador, como destacou, aliás, em uma de suas obras imortais. E Edgar Morin possui esta marca, a da humildade filosófica, que o credencia ao mais elevado grau do conhecimento acadêmico, ao lado de tantos quantos nos deram exemplos de semelhante índole ao longo da história.

Edgar Morin é um pensador cuja humildade ante ao conhecimento, ante a vida e à própria morte rivaliza com a grandiosidade de uma mente aguda, fértil, criativa, dotada de um profundo sentimento humano no mesmo ato em que enaltece uma racionalidade aberta. Nada há nele de filósofo idiossincrático, isto é, “não faz tipo”, como diria Paulo Girardelli Jr. Ele é humano tanto



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

ESTUDOS PONTUAIS SOBRE O CONCEITO DE MÉTODO E TEORIA NO
PARADIGMA DA COMPLEXIDADE DE EDGAR MORIN

quanto todos nós, que possuímos um “*themata*”, ou seja, um tema, uma obsessão pelo saber que nos cativa e nos instiga a um perceber da unidade complexa entre o caminho, o caminhar (caminhada) e o caminhante pelo/entre/através do conhecimento, que é, enfim, o método e a teoria. Eis, definitivamente, o pensamento em movimento, em ação, em intrínseca unidade entre a teoria e a prática no dizer do filósofo francês e não menos e muitas vezes pelo próprio Paulo Freire.

O nosso pensamento deve investir o impensado que o comanda e o controla. Servimo-nos da nossa estrutura de pensamento para pensar. Teremos ainda de servir-nos do nosso pensamento para repensar a nossa estrutura de pensamento. O nosso pensamento deve regressar às origens, num anel interrogativo e crítico. Senão, a estrutura morta continuará a destilar pensamentos petrificantes”(Ibidem:24).

5. CONCLUINDO

Ora, se o que *aprende a aprender* é o método, isso significa que devemos não mais ceder à astúcia do pensamento simplificador, o qual aprendemos desde os nossos mais tenros anos de aprendizagem escolar. Isso quer dizer que devemos: a) resistir à idealização (crer que a realidade pode absorver-se na idéia, que só o inteligível é real: b) resistir à racionalizar (no sentido de querer encerrar a realidade na ordem e na coerência de um sistema, proibi-la de transbordar para fora do sistema, precisar justificar a existência do mundo conferindo-lhe um certificado de racionalidade; c) resistir à normalização (isto é, eliminar o estranho, o irreduzível ao mistério) O método, para Morin, ou melhor, para o paradigma da complexidade, “só pode formar-se durante a investigação”; só pode desprender-se e formular-se *depois*, no momento em que o termo se torna um novo ponto de partida, desta vez dotado de método. Tal é o que Morin denomina de círculo em espiral, ou seja, “o regresso ao começo”, onde o filósofo nos lembra o aforismo de Nietzsche, em “O Anticristo”, que diz: os métodos vêm no fim.

O círculo em espiral, é um caminhar enquanto método que sugere uma interrogação que prossegue através de uma organização conceitual e teórica em cadeia de forma que, atingindo finalmente o nível epistemológico e paradigmático, desemboca na idéia de um método, que deve



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**ESTUDOS PONTUAIS SOBRE O CONCEITO DE MÉTODO E TEORIA NO
PARADIGMA DA COMPLEXIDADE DE EDGAR MORIN**

permitir um encaminhamento do pensamento e da ação capaz de lembrar o que estava mutilado, de articular o que estava disjunto e de pensar o que estava oculto.

A noção de método na complexidade opõe-se à concepção dita de metodologia, a qual se reduz a *receitas* técnicas. Como o método cartesiano, deve inspirar-se num princípio fundamental ou paradigma. Mas, aqui, realça Morin, a diferença reside precisamente no paradigma. Já não se trata de obedecer a um princípio de ordem (que exclui na desordem), de clareza (que exclui o obscuro), de distinção (que exclui as aderências, participações e comunicações), de disjunção (que exclui o sujeito, a antinomia, a complexidade), isto é, a um princípio que liga a ciência à simplificação lógica. Trata-se, pelo contrário, a partir de um princípio da complexidade, de ligar o que estava disjunto.

A questão do método na complexidade, tal como Edgar Morin a formula, parte, enfim, da constatação de que “nenhuma ciência natural quis conhecer a sua origem cultural e que nenhuma ciência física quis reconhecer a sua natureza humana” O enfoque metodológico tradicional tem mutilado o reconhecimento da “*unitas multiplex*”, isto é, da unidade na diversidade no diálogo entre as ciências da Natureza e as ciências do Homem, ocasionando a disjunção ou entre os fenômenos físicos e antropológicos.

Morin nos adverte de que o princípio da disjunção condena as ciências humanas à inconsistência extrafísica e condena as ciências naturais à inconsistência de sua realidade social.

O método, na complexidade, deve, pois, ser capaz de articular o que está separado e de unir aquilo que está dissociado.

Se René Descartes, em seu “Discurso do Método” prescrevia a idéia de que se deve duvidar de tudo menos da dúvida que duvida, na compreensão do método na complexidade deve-se, para o arrepio cartesiano, duvidar da própria dúvida que duvida, ou seja, precaver-se com a incerteza no âmago da própria dúvida. Parece residir aqui o crucial problema do pensamento metodológico contemporâneo, ou seja, perceber que o método, insiste o Filósofo francês, é o princípio organizador do conhecimento, com o qual devemos conceber que tudo é solidário e que o processo do conhecimento é ativo, circular, cíclico e onde organização e articulação devem referendar a idéia de que, ao caminhar, as idéias não se tornem mais obstinadas do que os fatos que povoam os caminhos.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**ESTUDOS PONTUAIS SOBRE O CONCEITO DE MÉTODO E TEORIA NO
PARADIGMA DA COMPLEXIDADE DE EDGAR MORIN**

Conhecer a circularidade, enfatiza Edgar Morin, é abrir a possibilidade de um método que, fazendo interagir os termos que remetem uns aos outros, se tornaria produtivo, através desses processos e dessas trocas, um conhecimento complexo que comporte a sua própria reflexibilidade. O círculo será a nossa roda, a nossa estrada será uma espiral entre a teoria e o método, se quisermos, ambos incidindo em uma retroatividade permanente.

Como se observa, o método, na complexidade, não presume o conhecimento de uma totalidade fechada em si mesma, posto que nenhum sistema basta-se a si mesmo para o conhecimento e reconhecimento do real (*the-oria*). Nenhuma teoria (*ta theia orao*) resiste ao seu fechamento, ao seu enclausuramento enquanto totalidade (visão de totalidade). “A totalidade é a não verdade”, insiste Morin, ao lembrar a famosa frase de Adorno. Isto é, para o filósofo, todo o sistema que procura encerrar o mundo na sua lógica é uma racionalidade demente.

O método complexo é, assim, um método que se constitui enquanto organizador do conhecimento, num processo circular, ativo ou cíclico. Organização e articulação presidem a busca e a *emergência* do novo, da descoberta, do inédito. Repetimos com Morin: Teremos ainda de servir-nos da nossa estrutura de pensamento para repensar a nossa estrutura de pensamento.

A nossa estrutura de pensamento ainda repousa no pensamento enciclopédico, ou seja, no pensamento que visa a abarcar a totalidade do saber num sistema único, o qual encerraria a totalidade da explicação/interpretação do real. Daí as disputas intestinas entre as escolas do conhecimento, entre as vertentes diagnosticadas como legítimas e insuspeitas em seus princípios balizadores. O conhecimento enciclopédico deve tornar-se, para a complexidade, um conhecimento *em-ciclo-pedismo*, ou seja, um conhecimento que procura articular “aquilo que está fundamentalmente disjunto e que deveria estar fundamentalmente junto”. O esforço a ser realizado, enfatiza Morin, referir-se-á, pois, não à totalidade dos conhecimentos em cada esfera, mas aos conhecimentos cruciais, aos pontos estratégicos, aos nós de comunicação, de articulações organizacionais entre as esferas disjuntas.

Finalmente, o método, na complexidade, como princípio de conhecimento, não prescreve, não dispõe a priori de um caminho seguro a ser seguido. Podemos, é claro, ter uma metodologia de trabalho investigativo, um programa, mas os passos a serem dados, os rascunhos de uma abordagem,



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**ESTUDOS PONTUAIS SOBRE O CONCEITO DE MÉTODO E TEORIA NO
PARADIGMA DA COMPLEXIDADE DE EDGAR MORIN**

serão sempre estratégias que tira proveito de seus erros, mas jamais de um método a priori, de um caminho já traçado, de uma caminhada sem o caminhar, o caminhante, caminho e caminhado. Ainda lembrando Nietzsche, o método sempre vem no final das nossas andanças investigativas e seus princípios complexos, seus ensaios, estratégias, estão configurados nos sete princípios metodológicos da complexidade inerentes à obra de Edgar Morin.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GHIRARDELLI Júnior, Paulo. **Filosofia da educação**. São Paulo: Ática, 2006.

GUTIÉRREZ, Francisco e PRADO, Cruz. **Edopedagogia e cidadania planetária**. 2.ed. Trad. Sandra T. Valenzuela. São Paulo: Cortez: IPF, 2000 – [Guia da escola cidadã; v.3].

IGLÉSIAS, Maura. **Pré-socráticos: físicos e sofistas**. In: REZENDE, Antonio (Org.). Curso de filosofia. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editor Ltda, 1991.

JAPIASSU, Hilton. **O racionalismo cartesiano**. In: REZENDE, Antonio(org). Curso de filosofia. 4.ed. Rio de Janeiro:Zahar Editor, 1991.

MORIN, Edgar, CIURANA, Emilio Roger, MOTTA, Raúl Domingo. **Educar na era planetária: o pensamento complexo como método de aprendizagem pelo erro e incerteza humana**. Trad. Sandra Trabucco Valenzuela. São Paulo: Cortez; Brasília; UNESCO, 2003.

MORIN, Edgar. **O método 1. A natureza da Natureza**. 3.ed. Trad. Maria Gabriela de Bragança. Portugal: Publicações Europa-América Lda., 1997.